



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 20 - junho 2017 CECÍLIA MEIRELES

Todas as edições em www.lusofonias.net

Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

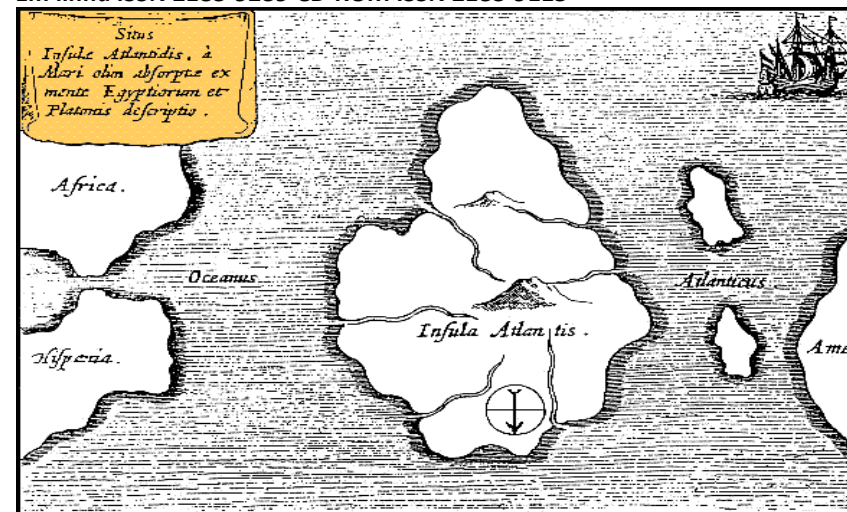
CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



©™®

Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)

Em linha ISSN 2183-9239 CD-ROM ISSN 2183-9115



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Este Suplemento # 20 é dedicado a CECÍLIA MEIRELES

1. BRITES ARAÚJO 25º COLÓQUIO GRACIOSA 2015

TEMA 3.1.3. O TRAÇO INSULAR EM CECÍLIA MEIRELES –

Nascida, como se sabe, no Brasil, numa geografia que se foi fazendo do litoral para o interior e onde o traço continental moldou História e imaginário, Cecília Meireles deixou-nos, surpreendentemente (ou talvez não), uma obra poética fortemente marcada pelo mar e por uma mundividência em muitos aspetos insular.

Conhecidas as suas raízes açorianas e os laços que manteve com poetas e escritores destas ilhas (só a troca epistolar com Armando Côrtes-Rodrigues ascende a 180 cartas), facilmente se tendeu a encontrar nessas raízes e nesses laços ecos de uma *açorianidade* que, pese embora nos faça honra, não é de todo consensual, ou tão pouco legitimada pela consanguinidade que mantemos com a escritora carioca.

Já em 1947, ou seja, 15 anos após o célebre texto em que Nemésio usa, pela primeira vez, a palavra *açorianidade*, o Dr. Ruy Galvão de Carvalho não resistiu a associá-la à poesia cecilianiana, num artigo publicado no XXXIII vol. da revista *Ocidente*, a que deu o título de “*A açorianidade na poesia de Cecília Meireles*”.

Abra-se, então, um parêntesis para apurar, sucintamente e na medida possível, *açorianidade* e a carga vivencial que lhe está associada: em 1932 (quando ainda se julgava que as ilhas teriam sido descobertas em 1432) pediram a Vitorino Nemésio um texto comemorativo do achamento.

Nesse texto, publicado na revista *Insula* e célebre pela ideia de que nos Açores a Geografia vale tanto como a História, Nemésio usa pela primeira vez o termo *açorianidade* para se referir à sua experiência pessoal de afastamento da ilha e ao que dela resulta na sua consciência de açoriano. O Prof. Machado Pires, em *Páginas Sobre Açorianidade* (2013), refere-se-lhe assim: “(...) na *açorianidade* ecoam ressonâncias afetivas individuais.

É a condição de viver e sobretudo ser ilhéu dentro e fora do Arquipélago. É a ilha em que se nasceu, a infância que se teve, fique-se ou não na ilha de origem. É uma ‘Alma’ que se transporta toda a vida. Assim a transportou Vitorino Nemésio, que criou o termo, aplicado à sua experiência de ilhéu ‘desterrado’ da sua ilha”.

Deixando de lado a minha convicção de que se o tempo é espírito em *fiéri*, a *açorianidade* é um conceito em *FIÉRI*, importa que Cecília nunca viveu nos Açores e apenas por uma vez visitou a ilha da mãe e dos avós (S. Miguel, a que por diversas vezes alude como a sua *Ilha do Nanja* – e.g. “Pastoral V” e “Ilha do Nanja”).

Apesar disto, a presença de uma relação íntima com o mar, o uso de uma imagística e de uma semântica fortemente marcadas pelo elemento marinho, onde a nostalgia e a solidão pontuam, ou ainda o recurso a uma linguagem que remete amiúde para a ilha e para a insularidade, são questões incontornáveis na poesia cecilianiana, pelo que há que reconhecer, de facto, a existência de aspetos da sua vida e da sua obra que legitimam uma incursão pelo que de inegavelmente insular e açórico existe no seu universo poético.

Não sendo essa insularidade de natureza geográfica ou histórica, ela decorre de um conjunto de circunstâncias que incluem, desde logo e em primeiro lugar, a infância da escritora e a construção do seu imaginário; em segundo, a procura e manutenção de laços com a literatura e com escritores deste lado do Atlântico, entre os quais os açorianos Armando Côrtes-Rodrigues e Vitorino Nemésio; e em terceiro, o “*isolamento interior*” que tanto procurou e com que foi dando forma e voz ao seu lirismo e construindo o sentido profundamente simbólico da sua insularidade.

A esse isolamento, simultaneamente imposto e aceite, olhou-o sempre como algo de precioso na salvaguarda de uma personalidade e de uma visão do mundo excepcionais:

" [...]

por mais que me submeta a esta disciplina da terra, bem vejo pela cara com que os outros me contemplam que levo comigo alguma insígnia especial [...]. Uns não me querem, por me acharem melhor, outros por pior, e quase todos por diferente. Mas tudo é muito suportável, porque não vou querendo nada, apenas peço que me deixem passar

[...]"

(Notícia biográfica. In: *Poesia Completa*, org. Darcy Damasceno. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. P. 83).

Nesta perspetiva, como já referi, o traço insular de que falo não advirá, então, de um ilhamento física e geograficamente vivido, historicamente situado, mas da natureza da mundividência ilhoa, que em Cecília se constitui transtemporal pela convivência com um mar aprendido de memória e com um imaginário que muito cedo foi sendo povoado por histórias de brumas, de temporais e de naufrágios, de ilhas e de barcos a partir e a chegar. Um imaginário que segue, ainda, os caminhos da convivência também com uma espiritualidade e com um misticismo que se foram alimentando da sua solidão interior e abrindo espaços à alquimia do espírito do eu-lírico com o espírito das coisas.

Dessa experiência, diz Cecília:

" [...]

Tudo quanto, naquele tempo [infância], vi, ouvi, toquei, senti, perdura em mim com uma intensidade poética inextinguível [...]. Minha avó, com quem fiquei, depois de perder minha mãe, sabia muitas coisas do folclore açoriano, e era muito mística, como todos os de S. Miguel

[...]"

De facto, órfã de mãe desde os três anos de idade, Cecília ficou entregue aos cuidados da avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, micalense natural da Fajã de Baixo, mulher de crenças e conhecedora do folclore das ilhas, com suas lendas e superstições, música e cantigas; da tradição literária oral, com seus cancioneros e teatro popular; do misticismo das nossas gentes e da sua religiosidade, de que, aliás, ela própria partilhava.

No convívio com esta avó, absorveu Cecília as ilhas e delas se apossou nesse tempo fundador e de que nos fica marca indelével que é a infância. Isso mesmo

transparece nas palavras que proferiu, no Aeroporto de Santa Maria, a 23 de novembro de 1951, ou seja, na véspera da sua primeira e única presença física em S. Miguel:

“Se me perguntarem o que me traz aos Açores, apenas posso responder: a minha infância

[...]

o romanceiro e as histórias encantadas; a Bela Infanta e as bruxas; as cantigas e as parlendas; o sentimento do mar e da solidão; a memória dos naufragos e a pesca da baleia; os laranjais entristecidos e a consciência dos exílios.

A dignidade da pobreza, a noção mística da vida, a recordação constante da renúncia, o atavismo cristão.

[...]

(“Saudação aos Açores”.

In: *Antologia Poética* (seleção e prefácio. de David Mourão Ferreira e Francisco da Cunha Leitão), Lisboa, 1968.)

Em resumo, e como afirma Ana Maria Lisboa de Mello (“Memória dos Açores na escrita de Cecília Meireles”, *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 47, n 4, pp. 381-386, out / dez 2012),

“o legado familiar, transmitido pela avó, torna-se constitutivo da sua formação [...] como um lastro a sustentar a construção interior”.

Outras circunstâncias, entretanto, viriam concorrer para que a escrita de Cecília se fizesse tão profundamente insular. Se a sua ligação, por de mais conhecida, com escritores e com diversas revistas literárias deste lado do Atlântico (como *Presença*, *Ocidente*, *Távola Redonda*, *Lusíada*, *Mundo Português*, entre outras) a mantiveram sempre muito próxima da portugalidade, a amizade e a troca de correspondência que manteve com os açorianos Nemésio e Côrtes-Rodrigues, sobretudo com este (a quem cognominou de *Almirante Almanjar* – invencível, em árabe - e a quem deu a missão lírica de fundar o “*reino flutuante da poesia*”), viriam solidificar e avivar ainda mais a sua mundividência insular, a sua herança açórica, o seu imaginário povoado por elementos tão próximos daqueles que inquietam o desejo ilhéu de viagem, e motivam a sua vocação solitária, mística e universal. E, final e inevitavelmente, contribuir para a tentação de estender o manto da *açorianidade* à sua escrita.

Voltemos-nos então para ela, para a sua escrita, em concreto, começando por um pequeno excerto de “Crônicas da Ilha do Nanja” (1982):

“Apenas uma vez visitei a minha Ilha -herança obscura, propriedade remota, inalienável, usufruto de outros, que a julgam sua, que não sabem da minha pessoa nem dos meus títulos. A Ilha, porém, é totalmente minha, por um direito mais decisivo e profundo que o das fórmulas jurídicas.”

Neste trecho, como em diversos outros trechos e poemas, Cecília grafa *Ilha* com maiúscula, dando-lhe, deste modo, um valor único, arquetípico e místico. Esta *Ilha do Nanja*, que a poeta reivindica totalmente sua, será um meio-lugar entre a ilha real dos antepassados e aquela que, aprendida com a avó, foi sendo transmutada pelo imaginário

e pelo poder demiúrgico da palavra. E se por breves momentos ela remete para o referente, logo regressa à sua dimensão mítica e primordial:

“Nédias vacas, encaracoladas ovelhas, arroios sussurrantes... Os carros pesados de frutos redolentes... Os barcos de pesca... As procissões pisando ruas de flores... Tudo isso é a ilha do Nanja: mas a ilha do Nanja não é nada disso. É muito difícil de explicá-la, pois certamente ela é o que não é; sua beleza não está no que se vê, nem sua riqueza do que suas terras e águas possam produzir (...) É a minha Ilha, naquele oceano!”

A Ilha do Nanja (note-se que *nanja*, advérbio informal caído em desuso, significa *não, nunca, ou não-já*), para Cecília “é o que não é”, ecoando por coincidência (ou talvez não) o célebre oximoro pessoano do mito fundador: “*O mito é o nada que é tudo*”. De resto, como bem nota a Prof. Margarida Maia Gouveia no seu ensaio “*As viagens de Cecília Meireles*” (2001), a vinda da escritora a S. Miguel assemelha-se a um périplo ulissiano, com que paga o seu tributo à avó, por ela regressando à sua Ítaca e emprestando à viagem e à ilha ainda maior valor simbólico e mítico.

Avançando para outros aspetos da escrita ceciliana ligados ao traço insular que aqui se discute, não posso deixar passar sem nota a ideia de *fatum* que a ele se liga.

Nas últimas estrofes de “Beira Mar”, incluído em *Mar Absoluto e Outros Poemas*, lê-se:

[...]

*porque isto é mal de família,
ser de areia, de água, de ilha...*

*E até sem barco navega
quem para o mar foi fadada.
Deus te proteja, Cecília,
que tudo é mar – e mais nada.”*

O “mal de família” e o ter sido fadada para o mar não deixam muitas dúvidas quanto ao que de *fatum* transparece nestes versos, e que é condição que vamos encontrar noutros poemas seus. Ligado frequentemente à “voz do sangue”, este fado segue uma ancestralidade de onde resultam, fatalmente também, o apelo do mar, o amor à viagem, o chamamento do longe e da distância e até mesmo o misticismo e espiritualidade de que tenho falado, sempre tão presentes na obra de Cecília e tão ao jeito do modo de ser açoriano.

Detendo-me ainda na ideia de *fatum* e no apelo das origens, lembro as primeiras estrofes de “Mar Absoluto”, um dos poemas que talvez melhor os expressem:

*“Foi desde sempre o mar,
E multidões passadas me empurravam
Como barco esquecido.*

Agora recordo que falavam

*Da revolta dos ventos,
De linhos, de cordas, de ferros,
De sereias dadas à costa.*

*E o rosto de meus avós estava caído
Pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
E pelos mares do Norte, duros de gelo.*

*Então, é comigo que falam,
Sou eu que devo ir.
Porque não há ninguém
Tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos.
[...]*

Repare-se na semântica forte de verbos como “empurrar”, “dever” e “obedecer”: ser empurrado é mais forte do que ser levado; dever implica a consciência de obrigatoriedade, de dívida; obedecer significa aceitação. Repare-se, ainda, na substituição do pretérito imperfeito do indicativo das três primeiras estrofes pelo presente do indicativo nas últimas três e note-se como aquelas se ligam a um passado que não está encerrado e que se projeta, como uma obrigação assumida, num presente profundamente comprometido com aquele mesmo passado.

Se bem que ecoando a inevitabilidade do fado de “Beira Mar”, aqui Cecília revela-se-nos consciente da busca de um tempo identitário e essencial, pois que, ainda que possam evocar as origens dos seus antepassados açorianos, estes versos convergem para uma realidade poética que ultrapassa o que conhecemos das suas raízes e que transfigura, pela força dos símbolos, o mar que conhecemos, os avós micalenses, a ilha que aprendeu na infância.

Ou seja, se é certo que os avós açorianos de Cecília têm origem a mares mais a oriente e mais a norte, o elemento transtemporal, o apelo desse *mar absoluto* e também a fatalidade da missão

*“[...].
Então é comigo que falam, sou eu que devo ir [...].” não se esgotam na mera confirmação da ancestralidade que lhe conhecemos, antes a levam a outros mares e a uma ancestralidade que se funde nos primórdios de uma memória de raiz. Ela mesma lembra “[...] o mar que me mandam não é apenas este mar.
[...].”*

Neste sentido, parece claro que Cecília parte, de facto, de um imaginário ilhéu açoriano, desde a infância confessadamente povoado pelas histórias da avó materna, D. Jacinta Garcia Benevides, mas que transcende esse imaginário no sentido da união com o Universo.

Desta forma, “[...] *não haverá ninguém, // tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos [...].*” como ela própria diz, mas também, digo eu, tão profundamente consciente de que esses mortos recuam no tempo até se fundirem no ilhéu arquétipo, nessa inquietude primeira, que busca o horizonte largo do mar e por ele se transforma em *homo Viator*:

*“[...].
Para adiante! Pelo mar largo! // Livrando o corpo da lição frágil da areia! // Ao mar!
– Disciplina humana para a empresa da vida!” (“Mar Absoluto”)*

Finalmente, e porque falei, algures, em espaços abertos à alquimia na poesia ceciliania, faço notar que o apelo do mar ganha, em Cecília, um fascínio tal que o eu-lírico progressivamente se torna na natureza desse mar. É, de resto, aqui que reside a grande distância relativamente a uma realidade insular concreta.

Cecília não se contenta em admirar uma natureza plástica, brava, grande e livre; tão pouco em navegá-la apenas, em busca de outras terras: antes, procura e saboreia uma proximidade tão completa que pressupõe o *diluir-se* nela:

*“[...]
Não me chama para que siga por cima dele, // nem por dentro de si: // mas
para que me converta nele mesmo
[...].”*

O mar de Cecília não é apenas, então, o mar físico e concreto, o tal que aprendeu com a avó. Neste a escritora encontra o ponto de partida, a génese desse outro mar, o mítico, o que é solidão absoluta, tempo inteiro, eternidade lúdica, gratuita e perfeita:

*“[...]
Recordo minha herança de conchas e âncoras
E encontro tudo sobre-humano.
E este mar visível levanta em mim
Uma face espantosa.*

*[...]
Célula azul sumindo-se
No reino de um outro mar:
Ah! Do Mar Absoluto!”*

Termino, se me permitem, deixando uma saudação pessoal a Cecília, onde quer que ela esteja:

Deus te abençoe, Cecília, que tudo é mar – e mais nada!

2. JOSÉ PAZ RODRIGUES (ACADÉMICO DA AGLP E PRESIDENTE DA ASPGP) 25º COLÓQUIO GRACIOSA 2015

TEMA 3.1. “CECÍLIA MEIRELES, ADMIRADORA DE RABINDRONATH TAGORE”,

1. INTRODUÇÃO

Cecília Meireles (1901-1964) foi criada pela sua avó materna Jacinta, oriunda das Ilhas Açores. Esta grande poeta e educadora brasileira é sem dúvida alguma a maior tagoreana do Brasil, e ademais de admirar a Tagore também admirava a Gandhi.

Em 1953, participou em Nova Deli, convidada pelo Governo indiano presidido por Nehru, num congresso internacional dedicado a Gandhi, e recebeu a nomeação de *Doutora Honoris Causa* pela Universidade de Nova Deli, com 52 anos de idade. Estando no grande país asiático de 1 de janeiro a 6 de março desse ano, visitando também Goa.

A gestão de Cecília Meireles foi fundamental para que se organizassem representações teatrais tagoreanas e homenagens e exposições dedicadas a Rabindronath.

Com tradução da própria Cecília, no mês de maio de 1949, foi representada no Teatro Municipal de Rio de Janeiro a obra *O carteiro do rei* (*The Post Office / Dakghor*). Para lembrar o centenário do nascimento de Tagore, o 7 de maio de 1961, num número especial do Jornal do Brasil, baixo a epígrafe “*Da Índia distante*”, escreveu o artigo titulado “*Homenagem a Rabindronath Tagore*”.

Já em 1962, para celebrar o centenário de Tagore, pela sua proposta, de forma cooperativa entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a Embaixada da Índia, organizaram-se atividades de homenagem a base de conferências e exposições.

Cecília Meireles traduziu à nossa língua várias obras de Tagore: *Mashi*, *A bela vizinha* e *outros contos*, sete poemas do livro *Purobi*, que Tagore lhe dedicara a Victoria Ocampo, e *O carteiro do rei*.

No mesmo ano (1962) publicou-se com a sua tradução, a obra *Çaturanga* (*Choturongo*) na coleção de prêmios Nobel.

De nome completo Cecília Benevides de Carvalho Meireles, nasceu no Rio de Janeiro a 7 de novembro de 1901, e faleceu na mesma cidade a dia 9 do mesmo mês do ano 1964, com 63 anos de idade. Por isto eu quero lembrar a esta excelsa escritora nestas datas do presente mês, porque, junto com Rosália de Castro, a considero a melhor poeta do nosso belo idioma internacional, o galego-português.

Cecília foi criada pela sua avó materna Jacinta, oriunda das ilhas Açores, pois com três anos faleceu-lhe sua mãe, e seu pai três meses antes de nascer. Com a ajuda de Pedrina, a cuidadora, ambas contavam contos e histórias a Cecília sendo criança, fatos e lendas das terras açorianas, ditos e cantares do folclore popular, o que muito influenciou na formação literária e sua criatividade da grande poetisa, considerada como a mais importante

do país, e uma das maiores da lusofonia. Foi uma escritora excepcional, tanto em poesia como em prosa.

Escreveu infinidade de artigos em numerosas publicações periódicas. E também muita literatura infantil, da que foi considerada uma experta mundial. Com nove anos já recebeu uma medalha de ouro, com seu nome gravado, pelo seu grande esforço na escola primária.

Mais tarde fez na Escola Normal de Rio os estudos de magistério e foi uma grande educadora, seguidora dos princípios do movimento educativo da “Escola Nova”. Junto com Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Hermes Lima e Anísio Teixeira, Cecília divulgou na teoria e na prática por todo o Brasil, nos anos 30, os postulados pedagógicos deste importante movimento, que tinha nascido na Europa. E, especialmente, o de fomentar uma educação sem divisões de sexo, raça e religião, que também defendeu Tagore e aplicou na sua escola nova de Santiniketon.

Para poder aceder à cadeira de Literatura da Escola Normal de Rio de Janeiro, em 1929 defendeu a sua tese titulada “O espírito vitorioso”, precisamente seguindo o modelo educativo da “Escola Nova”, mas o júri, injustamente, reprovou-a e não pôde ocupar a cadeira. Logo de 1930 a 1933, dentro da “Página da Educação” do *Diário de Notícias* de Rio de Janeiro, publicou nada mais e nada menos que 127 artigos variadíssimos sobre temas educativos, didáticos, de organização escolar, de educação social, renovação pedagógica e de política educativa, seguindo os postulados do movimento antes mencionado, ao que pertencia.

Todos eles são mesmo hoje de grande atualidade, e entre eles, por tagoreanos, quero destacar aqueles que falam de cooperação, educação e fraternidade universais, educação artística, o respeito pela vida, o ambiente escolar, os poetas como precursores do novo idealismo educacional e a paz pela educação. Todos podiam ser assinados pelo mesmo Rabindronath. Sobre temas educativos continuou publicando depoimentos em outros jornais e revistas.

Em 1934 organizou a primeira biblioteca infantil do país, e em 1935 começou a lecionar literatura luso-brasileira e técnica e crítica literária na Universidade Federal de Rio de Janeiro, ademais de dar cursos e ditar conferências em vários países como Portugal (nas universidades de Lisboa e Coimbra), Chile e USA, chegando a ministrar classes de literatura e cultura brasileira na Universidade de Texas.

2. PAIXÃO PELA ÍNDIA

Sendo adolescente começou a apaixonar-se pela Índia e sua cultura, e esta sensibilidade para o Oriente a manteve sempre durante toda a sua vida. Por isto na sua crônica “*Meus Orientes*”, chegou a dizer: “*O Oriente tem sido uma paixão constante na minha vida (...) pela sua profundidade poética que é uma outra maneira de ser da sabedoria*”. Nos inícios de sua carreira de escritora, em 1920, participou na corrente literária chamada “espiritualista”, dentro da que destaca o grupo da revista *Festa*, com os seus

máximos representantes Tasso da Silveira (1895-1968) e Tristão de Ataíde, pseudónimo de Alceu Amoroso Lima (1893-1983), amigos de Cecília e também admiradores de Tagore.

Sem embargo, a nossa escritora e educadora nunca desejou estar filiada a nenhum movimento literário, embora estivesse próxima ao simbolismo e depois ao modernismo. Segundo Cristina Gomes, a sua poesia é intimista e reflexiva, com tono filosófico, de profunda sensibilidade feminina.

A vida, o amor e o tempo são os temas recorrentes de seus poemas, estando também presente nos seus escritos a musicalidade. Todas as suas tristezas e desencantos, como a perda de seus pais, logo da avó e seu primeiro esposo, marcaram sua poesia, enchendo de lirismo todos os seus escritos.

Recebeu postumamente, pelo conjunto de sua excelente obra, da Academia Brasileira de Letras, o “Prémio Machado de Assis”. Visitou vários países, ademais dos antes citados, escrevendo formosas crónicas das suas viagens para jornais brasileiros. Entre eles há que destacar Itália, país ao que lhe dedicou um livro de poemas, Israel, sobre o que também escreveu poemas e artigos, e a Índia, que tanto amava já desde jovem. Era uma grande admiradora de Gandhi, dedicando-lhe vários e formosos poemas e artigos. Só o tema do seu apreço pelo “Mahatma” mereceria um estudo amplo e monográfico.

Em 1953, para participar em Nova Deli, convidada pelo governo indiano presidido por Nehru, num congresso internacional dedicado a Gandhi, e receber a nomeação de Doutora Honoris Causa pela Universidade de Nova Deli, com 52 anos de idade, viajou à Índia. Estando no grande país asiático de 1 de janeiro a 6 de março desse ano de 1953. Ademais da sua estância na capital da República indiana, aproveitou para visitar, entre outros lugares e cidades, Hyderabad, Agra com o seu Taj Mahal, Bangalore, Patna, Jaipur, Puri, Varanasi (Benarés), Chennai (Madrás), Mumbai (Bombaim), Caxemira, Goa (onde foi muito agasalhada e os jornais recolheram a sua presença, poemas, artigos e entrevistas, sendo nomeada membro de honra do Instituto Vasco da Gama) e Calcutá (Kolkata), ficando muito triste por não poder acercar-se desde esta cidade à Santiniketon de Tagore, estando tão perto.

Produto desta viagem à sua amada Índia é a publicação do seu livro *Poemas escritos na Índia*, composto de uns 60 poemas escritos no seu périplo indiano de 1953, e editados por primeira vez em livro em 1961. No mesmo há um poema dedicado a Sarojini Naidu, outro a Gandhi e um muito formoso dedicado ao seu admirado Tagore, com o título de “*Cançãozinha para Tagore*”.

Escreveu também depoimentos, artigos e crónicas (algumas publicadas posteriormente em jornais brasileiros) sobre temas variados da Índia, as suas gentes, paisagens, cidades, templos e personagens importantes como Gandhi e Tagore, que ela tanto admirava.

Estas crónicas e artigos foram publicados postumamente nos volumes de *Crónicas de viagem* e *Obra em prosa*, ao cuidado do académico Leodegário de Azevedo Filho. Também na antologia de crónicas *O que se diz e o que se entende*, publicada por primeira vez em 1980.

A gestão de Cecília Meireles foi fundamental para que se organizassem representações teatrais tagoreanas e homenagens e exposições dedicadas a Robindronath. Com tradução da própria Cecília, no mês de maio de 1949, foi representada no Teatro Municipal de Rio de Janeiro a obra *O carteiro do rei* (*The Post Office / Dakghor*), graças ao apoio de Krishna Kripalani e sua esposa Nondita, membros da missão diplomática indiana, desempenhando um papel na obra Maria Fernanda, filha de Cecília.

Para lembrar o centenário do nascimento de Tagore, o 7 de maio de 1961, num número especial do Jornal do Brasil, baixo a epígrafe “Da Índia distante”, escreve o artigo titulado “*Homenagem a Rabindranath Tagore*”. E nos *Cadernos Brasileiros* nº 2, publicados em Rio de Janeiro em abril-junho do mesmo 1961, escreve um formoso depoimento com o título de “*Um retrato de Rabindranath Tagore*”. Por todo isto, logo já em 1962, para celebrar o centenário de Tagore, por proposta de Cecília, de forma cooperativa entre o Ministério da Educação e Cultura brasileiro e a Embaixada da Índia no país, organizaram-se atividades de homenagem a base de conferências e exposições.

Também com este motivo, coordenadas por Cecília, saíram à luz publicações comemorativas de obras de Robindronath, traduzidas por Guilherme de Almeida, Abgar Renault e a própria Cecília, que passou ao português *Mashi, A bela vizinha* e outros contos, sete poemas do livro *Purobi*, que Tagore lhe dedicara a Victoria Ocampo, e *O carteiro do rei*.

No mesmo ano de 1962, publicou-se com a sua tradução, a obra *Çaturanga* (*Choturongo*) na coleção de prémios Nobel, com uma apresentação da própria Cecília e um depoimento seu sobre a relação de Tagore com o Brasil.

Em abril de 1962, com ajuda de Cecília, a Biblioteca Nacional de Rio de Janeiro organizou uma magna exposição bibliográfica e fotográfica, da que existe catálogo publicado, dedicada a Tagore.

Com apoio da comissão brasileira da Unesco, em 1961, escrito por Cecília, publicou-se em Rio de Janeiro em inglês um folheto de 30 páginas, com o título de *Rabindranath Tagore and the East-West Unity*. No mesmo ano de 1961, a Sahitya Akademi de Nova Deli incluiu no livro *R. Tagore - A Centenary Volume*, um capítulo escrito por Cecília sob o título de “*Tagore and Brazil*”.

3. ADMIRADORA DE RABINDRONATH

O amor e apreço que Cecília Meireles lhe teve a Rabindronath Tagore levou-a, não só a traduzir várias das suas obras, senão também a dedicar-lhe seis formosos poemas e numerosos artigos e crónicas. Para compreender melhor este apreço por Tagore, prefiro que, com as suas próprias palavras escritas, fale a mesma Cecília. A seguir exponho estas palavras de forma sintética, sinalando que seria muito importante editar uma monografia sobre Tagore e Cecília Meireles, na que foram incluídos os textos completos da poetisa relacionados com Tagore, tanto os poéticos como os escritos em prosa.

a) Nos Poemas: Num depoimento como este só posso incluir fragmentos dos mesmos. No titulado “*O Diviníssimo Poeta*” escreve Cecília: “*Rabindranath!*

Rabindranath! Rabindranath! / Por que deixas a luz mística do teu Oriente, / que é o corpo de ouro dos ídolos de lá / onde os ídolos são a luz do sol de toda a gente! (...). Sofro porque eras o Todo-Longe, o Todo-Altura, / o Creador, que ninguém sabe como será... / É muito, é enormemente doloroso ser criatura... / Rabindranath! Rabindranath! Rabindranath!". Este poema foi escrito em 1923, e saindo à luz esse mesmo ano na revista *Para Todos* nº 262 de Rio de Janeiro, publicado em tradução ao inglês por K. Kripalani no nº de fevereiro de 1949 do *The Visva-Bharati Quarterly* (Santiniketon), revista criada por Tagore em 1923.

Do livro *Poemas escritos na Índia* é o formoso poema "*Cançãozinha para Tagore*", escrito em 1953 e publicado por primeira vez em 1961. Este poema seu tão lindo o reproduzimos em anexo ao final do presente artigo.

b) Na "*Apresentação*" da obra *Çaturanga (Choturongo)*, editada em 1962 pela editora Delta de Rio de Janeiro, e reeditada em 1973 pela editora Opera Mundi da mesma cidade, dentro da Biblioteca de Prémios Nobel, em tradução da própria Cecília, da edição francesa *À quatre voix* (inglês *Broken Ties*), é muito lindo e acertado onde Cecília escreve:

"A verdade, porém, é que Tagore foi um grande defensor das mulheres, e sem que elas mesmas, em geral, o saibam: pois essa defesa se apresenta mais claramente em sua obra de romancista e o Poeta, entre nós, é menos conhecido sob esse aspecto, sendo, realmente, este, o seu primeiro romance traduzido no Brasil. Em verso, Tagore canta frequentemente a Mulher; mas, em prosa, explica-a, ilumina seus sentimentos e pensamentos, torna-a compreensível em suas delicadezas e obscuridades, glorifica-a entusiástica e ternamente; e, a essa generosa e penetrante luz, seus defeitos e culpas se diluem e apagam. É a maneira tagoreana de encarnar o espírito da Índia, com sua adoração pela Forma Feminina da criação universal".

c) Em "*Tagore e o Brasil*" (1961) escreve: "*Recordamos ainda, no que nos toca, outra experiência importante relacionada com Tagore como educador, pelo fato de termos exercido sempre, paralelamente, atividades literárias e educacionais. Em 1930, quando se operava no Brasil importante modificação nos conceitos pedagógicos, aparecia também em "Feuilles de l'Inde", um brilhante trabalho de Tagore sobre "Uma Universidade Oriental". Tudo quanto ele então aí dizia sobre métodos educacionais, erros na formação dos estudantes, organização do ensino, orientação dos professores, importância da arte e do folclore na educação, etc., representava exatamente aquilo a que aspirávamos. E essas distantes palavras viviam em nós como se fossem as únicas que pudéssemos proferir sobre o assunto. No nosso caso particular, a construção de um mundo em que Oriente e Ocidente se conhecessem e amassem tinha sido sempre uma ideia fundamental. E até hoje pensamos em Shantiniketan como um exemplo".*

d) Em "*Rabindranath, pequeno estudante*", publicado no livro antológico de crônicas *O que se diz e o que se entende* (1ª edição de 1980), baseando-se no livro autobiográfico de memórias tagoreano *Jibonsmriti*, e comentando o famoso conto de Tagore *Totakahini (O adestramento do loro / The Parrot's Training)*, escreve também: "*R. Tagore, homem extraordinário, que se fez educador por amar*

as crianças, anotou suas amarguras de pequeno colegial. Falou-nos de seu mundo encantado, de sua vida poética ainda incomunicável – em contraste com os métodos e as finalidades do ensino, no seu tempo. Isso foi há um século, e, por incrível que pareça, continua a ser mais ou menos como era, até agora".

e) Em "*O Gurudev*", publicado no mesmo livro antes citado, faz um acertado panegírico de Tagore, explicando o profundo significado deste apelativo e escrevendo: "*Poemas, contos, canções, romances, teatro, música, tudo converge para um fim superior, na obra de Tagore. É uma obra altamente educativa, sem nenhuma aparência ou intenção didática. Ele não acreditava, aliás, em métodos de educação que não fossem inspirados em grandes sentimentos. (...). Queria educadores capazes de amar seu ofício e seus discípulos, de amar a vida em sua totalidade. E, sem desconhecer os sofrimentos deste mundo, gostava de mostrar caminhos de alegria, esses caminhos por onde os corações felizes e agradecidos vão sem medo ao encontro de seu Amor. Caminhos do fim do mundo, onde todos se reconhecerão".*

f) Em "*Canções de Tagore*" do mesmo livro anterior, depoimento publicado em 1963, Cecília escreve: "*Eu tinha traduzido as minhas simples canções (...). As suas eram de Tagore. Falavam do amor humano e divino, e guardavam sempre nas palavras aquela dignidade religiosa que caracteriza a obra do poeta. Ele escreveu a letra e a música de tantas canções, que parece impossível a riqueza criadora do seu espírito. E essas canções circulam pela Índia toda, de tal maneira o poeta estava identificado com a sua terra. Talvez muita gente nem saiba de quem é a canção que está cantando, aqui e ali, na imensidão da Índia. Mas todos encontram nas suas palavras a expressão da sua vida".*

g) No depoimento "*O aniversário de Gandhi*" (1961), Cecília Meireles compara Gandhi com Tagore, e num trecho do mesmo diz: "*Para R. Tagore, Deus é uma expressão de amor, é uma intuição poética, é um encontro póstumo, transcendente e definitivo; para o Mahatma, Deus é a Verdade, a Verdade é Deus, como num postulado científico".*

h) Na crônica publicada no jornal *Folha da Manhã* de São Paulo o 1 de abril de 1950, com o título de "*As flores de Champaca e a irmã Parul*", Cecília lembra, fazendo um paralelismo entre ambos, o famoso e lindo poema de Sissu (*A lua crescente ou nova*) e uma cena de *O carteiro do rei (Dakghor / The Post Office)*, e escreve: "*Mandaram procurar a pobre rainha, por todos os lados. Afinal chegou, tão maltratada que nem parecia quem fora. Mas, assim que levantou os braços, as flores vieram como pássaros, pousaram em redor de sua cabeça. E da corola de cada Champaca saiu um príncipe; e da corola de Parul uma princesinha. Todas cantaram e dançaram, e foram felizes até o fim".*

i) Na crônica escrita durante a sua visita a Kolkata em 1953 e publicada em 1959, intitulada "*Transparência de Calcutá*", fala muito e bem do formoso idioma bengali chamado Bangla e dos seus grandes cultivadores R. Tagore e Sorot Chondro Chatterji.

Esta crônica é muito linda e inspirada, e num dos seus treitos Cecília escreve:

“Pois, se algum dia me tivesse ocorrido chegar a este país, a primeira coisa a que me conduziriam os meus desejos seria, naturalmente, a Universidade de Shantiniketan. Ela era – e continua a ser – como um símbolo, no meu coração. Fundada por um poeta – e um poeta que se chamou Tagore! - no princípio deste século, - que havia de ser tão atordoante, - e sonhando realizar o “sítio da paz” que o seu nome exprime, por meio de uma educação integral, intelectual, moral, artística, ao mesmo tempo ligada ao glorioso passado da Índia, à humildade contemporânea e a um futuro que se poderia sonhar fraternal, tudo, nessa instituição, me chamava: origem, métodos, objetivos. (Embora com resultados constantemente melancólicos, a minha vocação profunda foi sempre uma: educar). No entanto, aqui, a umas noventa milhas dessa universidade, por obediência a um plano de viagem que é preciso cumprir, não a poderei ver: continuarei a guardá-la na imaginação, com suas árvores, seu ensino ao ar livre, sua preocupação de dar aos estudantes uma correta formação interior, e meios de exprimi-la. Shantiniketan continuará a ser um lugar lírico, com música, dança, poesia, festas populares, tecelagem, pintura, ciência, filosofia, num ambiente bucólico, com as aldeias em redor, as cestas de frutas, os jarros de leite, - a vida antiga enriquecendo a atual, e a vida atual enriquecendo a antiga... Não verei Shantiniketan. Assim é o nosso destino: recebemos o que jamais esperamos; não conseguimos o que às vezes pretendemos”. Infelizmente, estando tão perto, Cecília não viajou à Morada da Paz tagoreana, mas estas suas palavras tão formosas, tão acertadas e tão profundas, revelam o grande conhecimento que tinha da obra de Tagore e do seu pensamento educativo, que, mesmo se tivesse ido a Santiniketon, não poderia escrever daquele lugar com tanta exatidão sobre a sua beleza e a sua paz.

j) Cecília escreveu outras crônicas nas que aparece resenhada a obra e figura de Tagore e várias estão dedicadas à formosa cidade de Calcutá (Kolkata), na que nasceu Robindronath, escritas em 1953 e publicadas em 1959. É o caso de “*Vistas de Calcutá*”, “*Amanhece em Calcutá*” e “*Um dia em Calcutá*”. Nesta última, publicada no *Diário de Notícias* de Rio de Janeiro, o 31 de outubro de 1954, escreve: “*R. Tagore sobrevive e alegre mais este ambiente intelectual com a primavera dos seus desenhos. Como o sentimos eterno – no que pintou, no que escreveu, no que compôs em todos os caminhos da arte! Como o sentimos vivo, ao nosso lado, e entendemos o seu sonho de tornar inteligíveis, um ao outro, o Oriente e o Ocidente! E com que sinceridade lho agradecemos! E com que carinho! Voltamos felizes, como se o tivéssemos visto. A Beleza é uma felicidade imortal*”. Escrita também na capital indiana de Bengala a crônica “*Do Ganges a Tagore*”, publicada também no *Diário de Notícias* de Rio de Janeiro, o 19 de setembro de 1954, tem um trecho no que Cecília escreve: “*Giram, diante de meus olhos, Calcutá, com suas múltiplas aparências, e Tagore, com seus múltiplos dons. E tudo ressoa como um caramujo aplicado ao ouvido, desde o primeiro instante, neste remoto lugar*”.

Finalmente, não quero deixar de citar que, no depoimento “*O tempo e os relógios*”, publicado no livro antes citado *O que se diz e o que se entende*, Cecília, que passara ao português *O carteiro do rei* de Tagore em 1949, lembra aquela cena na que o protagonista Omol fala do toque do gongo, para anunciar as horas do dia. E nos seus poemas “*A pastora*

das nuvens” e “*Sol*”, revelam-se as influências do pensamento indiano de Tagore, podendo ser Cecília a pastora e Tagore o sol, que é o que significa o nome de Robi.

Depois de ler a antologia de textos anteriores arredor de Robindronath Tagore, não podem ficar dúvidas já de que Cecília Meireles – que começou a ler Tagore alá pelo ano 1920, e já não o deixou de ler mais – é uma tagoreana profunda, uma das mais importantes do mundo.

Pelo seu alto significado, quero fechar este apartado com aquele texto de Cecília que diz:

“*Nestes últimos anos, a vida se tornou de tal modo trepidante no Brasil – como no resto do mundo – que não é fácil encontrar-se quem fale de Tagore, tal foi a invasão de autores, ideias e sobretudo inquietações de toda espécie. A poesia tagoreana conduz a uma visão de santidade, de serenidade, na contemplação geral – visão que as gerações atuais mal podem compreender. No entanto, talvez toda esta trepidação seja momentânea e superficial. Não será impossível um renascimento de Tagore, quando esta onda turbulenta e caótica se acalmar, quando os jovens acreditarem na supremacia do Espírito sobre todas as coisas e a sabedoria do Oriente não for ignorada no Ocidente tão técnico*”. Assombra comprovar a profunda atualidade destas palavras da Cecília, no momento atual a nível mundial. Embora foram escritas há várias décadas.

4. BIBLIOGRAFIA

- MEIRELES, C. (et al.): *Tagore*. Assoc. Brasileira Congresso Liberdade da Cultura, 1961 (folheto de 23 páginas).
- MEIRELES, Cecília (Ed.): *Homenagem a Rabindranath Tagore. Poeta, dramaturgo, ator, musicista, novelista, pintor, educador*. Rio de Janeiro: Embaixada da Índia, 1961.
- MEIRELES, Cecília: *O que se diz e o que se entende (Crônicas)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira Editora, 2002 (5 crônicas sobre Tagore)
- ID.: *Crônicas de viagem (2). (Obra em prosa)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- ID.: *Crônicas de viagem (3). (Obra em prosa)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- ID.: *Obra em prosa. Vol. I: Crônicas em geral. Tomo 1*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- ID.: “*Necessidade de poesia*”. Rio de Janeiro: Leitura nº 25, janeiro 1945 (Tagore e A. Renault)
- ID.: “*Abgar Renault e Rabindranath Tagore*”. Belo Horizonte: Panorama, Arte e Literatura nº 5, 1948, p. 13.
- ID.: “*Tagore and Brazil*” in *R. Tagore- A Centenary Volume*. N. Delhi: Sahitya Akademi, 1961, Pp. 334-337.
- ID.: *R. Tagore and East West Unity*. Rio de Janeiro: Brazilian National Commission for Unesco, 1961.
- ID.: “*Homenagem a Rabindranath Tagore*”. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 7-05-1961.
- ID.: “*Um retrato de Rabindranath Tagore*”. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros nº 2, abril-junho de 1961.
- ID.: “*Tagore e o Brasil*” no livro de Tagore *A noite de núpcias*. Brasília: Coordenada, 1968.
- ID.: “*Apresentação*” no livro de Tagore *Çaturanga*. Rio de Janeiro: Delta Editora, 1962.
- ID.: “*Abgar Renault e R. Tagore*”. Belo Horizonte: Diário de Minas Gerais- Suplemento Literário, 20-07-1968.

CANÇÃOZINHA PARA TAGORE - CECÍLIA MEIRELES (POEMA ESCRITO EM
1953 E PUBLICADO EM 1961)

Àquele lado do tempo
onde abre a rosa da aurora,
chegaremos de mãos dadas,
cantando canções de roda
com palavras encantadas.

Para além de hoje e de outrora,
veremos os Reis ocultos
senhores da vida toda,
em cuja etérea Cidade
fomos lágrima e saudade
por seus nomes e seus vultos.

Àquele lado do tempo
onde abre a rosa da aurora
e onde mais do que a ventura
a dor é perfeita e pura,
chegaremos de mãos dadas.

Chegaremos de mãos dadas,
Tagore, ao divino mundo
em que o amor eterno mora
e onde a alma é o sonho profundo
da rosa dentro da aurora.

Chegaremos de mãos dadas
cantando canções de roda.
E então nossa vida toda
será das coisas amadas.

Santiniketon (Morada da Paz)

(Bengala-Índia) / Ourense (Galiza).

Ano 2015

VIVÊNCIA DA INSULARIDADE EM VITORINO NEMÉSIO E CECÍLIA MEIRELES

A presente comunicação, sob um título aparentemente difuso, pretende estabelecer um paralelismo entre dois autores que, apesar de distanciados geograficamente e com percursos distintos, apresentam uma temática que lhes é comum – a vivência da insularidade –, que perpassa a sua obra.

A insularidade pode ser entendida como um conjunto de características que advém das vivências insulares daqueles que viveram ou vivem numa ilha, como foi o caso de Vitorino Nemésio ou ainda como qualidade do que está isolado numa ilha. No entanto, o conceito não se esgota nesta definição. Pode ainda adquirir outras nuances e ser transposto para um outro tipo de isolamento – o isolamento interior, próprio daqueles que, apesar de nunca não terem vivido numa ilha, a interiorizaram e adotaram como se de um estado ontológico se tratasse, como é o exemplo da escritora brasileira Cecília Meireles.

Apesar de a experiência da insularidade não ser vivenciada do mesmo modo, nem com a mesma intensidade por Cecília Meireles, como foi pelo escritor açoriano Vitorino Nemésio, encontramos nos dois autores marcas que os aproximam e se refletem nas suas obras poéticas.

O mar adquire significados plurifacetados na obra de Cecília, estabelecendo uma associação com a infância da escritora, um tempo povoado "por histórias encantadas" e pela presença inolvidável da sua avó. E constitui uma forma de regresso imaginário ao passado, mantendo vivas as recordações a ele ligadas. A memória, qual vaga, transporta-a a um regresso a esse tempo ancestral cheio de tradições. Também em Nemésio a memória reporta-o para a íntima ligação ao mar e aos Açores, por isso afirma: "os Açores estão mais ou menos na raiz de tudo quanto faço".

Assim, a presente comunicação tem como objetivo perscrutar os diferentes vetores que a água, de forma geral, assume nas obras poéticas dos dois autores e quais os significados que lhe são atribuídos.

0. É possível que o título da nossa intervenção suscite algumas dúvidas uma vez que, numa primeira leitura, pode parecer pouco adequado, quando nos referimos à escritora brasileira Cecília Meireles. Como se pode atribuir marcas de insularidade a uma autora que não nasceu nem viveu numa ilha? Poder-se-á estabelecer um paralelismo entre um autor açoriano como foi Vitorino Nemésio, cuja infância e parte da adolescência se desenrolaram numa ilha, mais especificamente na Ilha Terceira, que desde sempre lhe moldou a forma de estar, pensar, sentir, e acima de tudo, de ser, com uma poetisa que não conheceu empiricamente a vida insular?

1. Que paralelismos estabelecer entre um autor que "arrastava os Açores às costas (ou arrastava-se, por entre os Açores no coração?)" (Teotónio, 1989:35) e um outro cujas

reminiscências da infância e laços de hereditariedade são os principais elos de ligação ao arquipélago?

São estas as questões a que pretendemos dar resposta, apresentando interpretações possíveis para algumas construções poéticas dos autores, que nos pareceram mais elucidativas para o tema em questão. Apesar de a experiência da insularidade não ser vivenciada do mesmo modo, nem com a mesma intensidade pela escritora brasileira Cecília Meireles como o foi pelo escritor açoriano Vitorino Nemésio, encontramos nos dois autores marcas de insularidade que os aproximam e se refletem nas suas obras poéticas.

Como referiu J. de Almeida Pavão:

Os Açores contam com a suprema glória de verem inscritos nas páginas de oiro da poesia de língua portuguesa alguns dos seus mais notáveis representantes [e destaca os nomes de Roberto Mesquita, Côrtes-Rodrigues, Teófilo Braga, Antero] ou os que continuaram a mergulhar no seu húmus as raízes de inspiração e o substrato da sua própria lírica, como Vitorino Nemésio; mas ainda os que lhes estão presos pelos laços de hereditariedade, transmutada nos seus valores poéticos, como Garrett, Fernando Pessoa ou Cecília Meireles. (Almeida, 1973: 4).

Pretendemos, retomando as palavras de Almeida Pavão, perscrutar, por um lado, o modo como Vitorino Nemésio retirou do “seu húmus as raízes de inspiração” e, por outro, verificar a influência que o legado familiar exerceu na atividade poética da autora e o modo como nela se reflete.

I. INSULARIDADE.

1. NEMÉSIO – INSULARIDADE VIVIDA.

Vitorino Nemésio nasceu em 1901, em Praia da Vitória, na Ilha Terceira. A sua infância e o tempo passados na ilha são frequentemente evocados pelo autor, despoletando um regresso à infância e à ilha. Na verdade, este legado do passado perpassa a sua obra quer em verso quer em prosa e é enaltecido através de construções e lexemas de caráter valorativo. Esta herança do passado engloba o mar, as gentes, as tradições, a fauna, a flora, as aves e a terra que o viu nascer, o arquipélago dos Açores, um universo com um pulsar próprio, mas impercetível para o “comum dos continentais”, como afirma o autor:

[Os Açores é] para o comum dos continentais, a trapalhada geográfica que o nome da Ilha abrevia. Para os açorianos desterrados, é o berço, o amor, as reminiscências, a família e, na esfera dos desejos que se criam mais ao peito, a tumba, a cova para o sono que nunca mais se acorda, e que o mar ali eternamente vigia (...)

(Nemésio, 1929: 4).

A ilha é o “berço”, a origem, na verdadeira aceção da palavra, o primeiro despontar para o mundo: o “*mundo é a Praia da Vitória, primeiro, depois a Terceira, ainda depois os Açores, só então Portugal e o mundo inteiro no círculo mais vasto*” (Teotónio, 1989:32). Para este açoriano desterrado, a ilha é concomitantemente “o berço, o amor”, a sua fonte de inspiração, que despoleta o pensamento e faculta a matéria, que depois é transmutada nos seus versos e lhe viabiliza o traçar de um trajeto que conduz à *Ilha* perdida, ambicionada, mas dificilmente alcançável.

2. CECÍLIA – INSULARIDADE IDEALIZADA.

Cecília, contemporânea de Nemésio, nasceu no mesmo ano, do outro lado do Atlântico. Contrariamente ao exemplo do escritor açoriano, nunca viveu nos Açores. O arquipélago, porém, não lhe é uma realidade completamente alheia e, apesar de não ter o significado nem a intensidade que Nemésio lhe captou e simultaneamente conferiu, não deixou de ser merecedor de afeto. Ele constitui um importante manancial que percorre a vida e a obra poética da autora, como a própria explica, aquando da sua visita ao arquipélago:

Se me perguntarem o que me traz aos Açores, apenas posso responder: a minha infância. A minha infância: o romanceiro e as histórias encantadas; a Bela Infanta e as bruxas; as cantigas e as parlendas; o sentimento do mar e da solidão; a memória dos naufrágios e a pesca da baleia; os laranjais entristecidos e a consciência dos exílios. A dignidade da pobreza, a noção mística da vida, a recordação constante da renúncia; o atavismo do cristão.

Depois de tantas experiências variadas em todos os territórios do mundo e do espírito, alguma coisa reclamava em mim esta participação nos lugares da minha gente passada. Dispus-me a esta espécie de aventura lírica, depois de conhecer os povos mais diversos em suas mais complexas expressões. Minha vinda a estas ilhas é como um regresso, uma visita familiar, um ato de ternura. Não desejaria que me recebessem como uma escritora brasileira por mais que me seja cara a terra onde nasci e onde tenho vivido: — mas como a uma criança antiga que a poesia de S. Miguel nutriu, numa infância de sonho, no regaço de uma avó dolorida, heroica e nobremente sentimental¹ (Almeida, 1973: 4).

O apelo das suas origens lusíadas, a ânsia de recuperar fragmentos da infância “as histórias encantadas, as parlendas, o sentimento do mar”, levaram-na a regressar a S. Miguel. Mas como poderia Cecília regressar a um sítio onde jamais havia estado? Qualquer regresso implica um retorno, o visitar de um local onde já se esteve. Para Cecília o regresso é a recuperação da infância e das histórias contadas pela avó açoriana. Trata-se então de uma vivência diferida, uma experiência comunicada durante a infância, numa época em que, segundo Piaget, o pensamento é de um realismo ingénuo, daí que

¹ Palavras proferidas ao microfone do Emissor “Asas do Atlântico” do Aeroporto de Sta. Maria em, 23-9-51, aquando da sua visita aos Açores.

seja tão real a vivência-vivida como a vivência-imaginada, o que explica que a vivência insular seja tão real para um autor como para outro.

Há um outro contacto com os Açores em Cecília Meireles – a sua correspondência com escritores portugueses, nomeadamente com Armando Côrtes-Rodrigues, que alimentou as suas recordações infantis e reforçou o desejo de regresso à ilha. Esta ligação é ainda fortalecida pelos trabalhos desenvolvidos pela autora. Lembramos, a título de exemplo, o *Panorama Folclórico dos Açores especialmente da Ilha de S. Miguel*, que demonstra o apreço e o conhecimento que Cecília manteve pelo arquipélago, percorrendo as cantigas típicas das diversas ilhas, que refletem o cenário marítimo. Este estudo revela uma pesquisa atenta que se espraia por diversos aspetos, pelo património imaterial e pela vida material (habitação, trajes, penteados, alimentação, vida família), o que patenteia um conhecimento do *modus vivendi* e da tradição daquelas ilhas, com especial enfoque para a ilha de S. Miguel, de onde era oriunda a sua avó materna, uma presença preponderante na sua vida, uma vez que Cecília ficou órfã muito cedo. Esta visita constitui ainda um ato de apreço pela figura de Jacinta Garcia Benevides: “Minha avó era beleza total de corpo e de espírito. Nunca vi uma criatura assim, de boa, de terna, de feminina, de masculina.”

Os Açores, mais especificamente a Ilha de S. Miguel, representam o acesso ao legado da infância, esse universo a que tantas vezes a poetisa acede numa ânsia de recuperar. É inegável o que esse mesmo legado lhe proporcionou, permitindo-lhe desenvolver uma depurada sensibilidade, um forte sentimento de estoicismo e solidão, indissociável do elemento marítimo, que irrompe com frequência na obra poética da autora e constitui um ponto de partida para reflexões profundas:

*Aqui está minha herança – este mar solitário,
Que de um lado era o amor e do outro esquecimento
(Meireles, 1994a:337)*

Cecília imerge num universo de solidão para aceder à sua “herança – o mar solitário”, que lhe inundou a alma e ressoa na sua poesia.

Ao estabelecermos um paralelo entre os dois autores, encontramos pontos que, apesar de divergentes, desaguam num sentimento comum. O mar, na obra de Vitorino Nemésio, constitui uma presença constante. O “cronista do mar” foi “*um conhecedor profundo da rica simbologia das águas, ele transformou ainda o mar numa fonte perene de inspiração metafórica e até mítica*” (Silva, 1985: 96). Protagonizou “*uma açorianidade sublimada e sentida no dia-a-dia*” (Gouveia, 2001: 1029).

Cecília regressa à ilha, terra natal de sua avó, para aí adquirir e assumir alguns traços de insularidade, que apenas lhe foram transmitidos por via hereditária, mas que a autora encarou como algo que lhe é intrínseco, como se pode verificar em “Beira-mar: “*Porque isto é mal de família, ser de areia, de água, de ilha*”.

Nemésio expressa também a sua insularidade em “Da universal inquietude”:

*A Esfinge do mar é a ilha. Levanta-se do deserto de águas como a pétrea cabeça
que afrontava Édipo na estrada de Tebas, mas não traga os transeuntes como monstro*

[bem pelo contrário], agasalha-os, amamenta-os com a sua lava.” E acrescenta ainda que é “o complexo de todos os temas na sua carne viva de possibilidade e inquietação” (Nemésio, 1995: 162).

O mar representa, para os dois autores, uma forma de regresso imaginário ao passado, mantendo vivas as recordações a ele ligadas e surge como um cordão umbilical que os prende às suas origens e à ancestralidade das tradições.

A ilha, por seu turno, é para Nemésio “o berço”, a origem, a representação do tempo da infância, do passado e simboliza o espaço almejado pelo autor, como teremos oportunidade de analisar. Para Cecília, a ilha remete para um espaço de idealização, onde o eu lírico se pretende evadir, para poder ser, “areia, água, ilha”, indo ao encontro das suas raízes familiares e também insulares – “porque isto é mal de família”.

II. A ÁGUA: REPRESENTAÇÕES E ACEÇÕES.

A água tem uma presença constante nas obras poéticas dos autores, mantém fortes elos de ligação com o sujeito lírico e constitui um ponto de partida para reflexões profundas. A água, sobretudo a água do mar, desencadeia um fluxo de memória e convida a um regresso ao passado, um navegar pelo tempo da infância:

*Beira-mar
Foi desde sempre o mar.
E multidões passadas me empurravam
como o barco esquecido.*

*Agora recordo que falavam
da revolta dos ventos,
de linhos, de cordas, de ferros,
de sereias dadas à costa.*

*E o rosto dos meus avós estava caído
Pelos mares do Oriente, com seus corais e pérolas,
E pelos mares do Norte, duros de gelo.
(Meireles, 1994b:265)*

O mar empurra o sujeito poético para uma travessia, levando-o a imergir no passado e a visitar histórias evocadas aqui pelas expressões enumerativas – “*revolta dos ventos, de linhos (...) de sereias dadas à costa*” – e presenças – “*o rosto dos meus avós*”.

Também em Nemésio a água do mar sugere esse retorno ao tempo da infância:

*Todas as tardes levo a minha sombra a beber
Como nuvem ao mar de que saiu o meu ser.”*

O determinante indefinido todas acentua o regresso reiterado ao tempo e espaço da infância – a ilha – representados aqui pela “nuvem ao mar”, que se confunde com a própria essência do sujeito lírico.

Existem, no entanto, outros sentidos que se associam ao mar, como demonstra a construção metafórica e comparativa:

*Sou moradora de areias,
de altas espumas: os navios
passam pelas minhas janelas
como o sangue nas minhas veias,
como os peixinhos no rio...*
(Maireles, 1994b:293)

Esta associação, de forte pendor visualista, assume uma força tal que o sangue que passa nas veias reporta ao movimento dos peixes que deslizam pelos rios e dos navios que rompem a água salgada, dando-nos a percepção de se tratar de algo indistinto. Quer a água, sob a forma de mar, quer o eu lírico fundem-se e metamorfoseiam-se na mesma natureza.

Também o poema “O Paço do milhafre” expressa essa fusão entre o sujeito poético e os elementos marítimos:

*Á beira de água fiz erguer meu Paço
De Rei-Saudade das distantes milhas:
Meus olhos, minha boca eram ilhas;
Pranto e cantiga andavam no sargaço.*

*Atlântico, encontrei no meu regaço
Algas, corais, estranhas maravilhas!
Fiz das gaivotas minhas próprias filhas,
Tive pulmões nas fibras do mormaço.*
(Nemésio, 1986:130)

As partes do rosto do sujeito lírico – olhos e boca – transformam-se, numa linguagem metafórica, em ilhas. No seu regaço, qual mapa geográfico, desvenda preciosidades aquáticas, como refere a enumeração: “algas, corais, estranhas maravilhas!

A saudade da terra distante adensa o desejo de retorno, anunciado pelo verso – “Fiz das gaivotas minhas próprias filhas” –, no qual o determinante possessivo minhas remete para uma apropriação do espaço e as gaivotas (sinédoque da ilha), seres alados, portanto livres, são as suas “próprias filhas”. O último verso parece condensar a ideia implícita nos anteriores, nas fibras do mormaço, do calor entorpecedor da ilha, angaria o conforto e estabilidade necessários para prosseguir o seu poetar.

Uma situação semelhante verifica-se no poema “Mar Absoluto”, presente na obra com o mesmo nome, em que o eu lírico suplica a sua aceitação, isto é, a sua incorporação na natureza:

*Aceita-me apenas convertida em sua natureza:
plástica, fluida, disponível,
igual a ele, em constante solilóquio,
sem exigências de princípio e fim,
desprendida de terra e céu.*
(Maireles, 1994b:267)

Pretendendo assemelhar-se à natureza marítima, adjetivada de “plástica, fluida e disponível”, vislumbra-se o desejo da união perfeita e única. Se com o elemento humano uma relação sem exigências seria impossível, já com o mar essa relação “desprendida” e isenta de preconceitos seria exequível, estabelecendo-se assim uma ligação inigualável. A indistinção existente entre o mar e o eu lírico não passou despercebida a Manuel Bandeira que na obra *Belo Belo* comparou a tenacidade e a fragilidade de ambos: “*Cecília és tão forte e tão frágil como a onda ao termo da luta.*”

Para além da autoidentificação já referida, o mar irrompe na poesia de Cecília, revelando-se um verdadeiro companheiro de solidão:

*O mar e só o mar, desprovido de apegos,
matando-se e recuperando-se
(...)
Não precisa do destino fixo da terra,
ele que, ao mesmo tempo,
é o dançarino e a sua dança.*
(Maireles, 1994b: 266)

O primeiro dístico vem ao encontro das palavras de Bandeira, salientando, através de construções antitéticas, o carácter itinerante do mar e a sua mutabilidade – “matando-se e recuperando-se”. A luta que o mar trava consigo mesmo parece representar a transposição para o elemento marítimo da vivência, ou melhor, da luta interior do eu lírico.

Também na obra nemesiana o mar assume, por vezes, o papel de conselheiro;

*O mar só quis dar-me sina
Abrir-me ossos e veias:
A vida foi-se-me menina,
Suas promessas dei-as*

O elemento marítimo manifesta uma total compreensão e disponibilidade face aos anseios do sujeito poético, numa tentativa de contribuir para a sua progressão. Contudo, os sonhos da juventude esboroaram-se e resta o desencantado adensado pela ausência do mar, por isso, urge recuperá-lo.

Nas obras dos dois autores deparamo-nos com outras aceções associadas ao mar, que representa um abrigo, chegando a ser considerado a última morada para os sonhos:

*Lança destes altos montes
às frias covas dos oceanos
meus sonhos sem horizontes,*

claro puro e sobre-humano.
(Maireles, 1994c: 185)

No poema “agosto”, o mar atinge uma proporção mais vasta e, sob a forma de oceano, constitui um refúgio, a última morada para os sonhos da poetisa. Companheiro de desilusão, chega a ser um íntimo confessor, o depositário dos seus sonhos mais recônditos, “claros” e “puros”, mas sem qualquer possibilidade de poderem irromper e persistir, sendo considerados “sem horizontes”.

Além de companheiro, o mar atinge uma vertente demolidora, metamorfoseando o sonho em “flor de espuma”. Esta feição destruidora e despojadora de sonhos e anseios do sujeito poético evidencia-se no poema “Canção”:

*Pus meu sonho no navio
e o navio em cima do mar
depois abri o mar com as mãos
para o meu sonho naufragar.*
(Maireles, 1994d: 116)

Assiste-se a um desencanto anunciado nos versos “abri o mar com as mãos / para o meu sonho naufragar.” O mar parece funcionar como um útero materno, normalmente hospitaleiro e permite momentos oníricos que mais tarde aniquila. Contudo, contrariamente ao útero materno que gera e faz brotar a vida, o mar não engendra o sonho, fá-lo “naufragar”, destituindo-o de qualquer possibilidade de sobrevivência. O mar assume a forma de urna, adquirindo potencialidades destruidoras: “debaixo da água vai morrendo / meu sonho”.

É interessante notar que este paralelismo entre mar-útero (origem da vida) e mar-urna (depósito de sonhos) também tem representação na obra poética do escritor açoriano:

*Deixem-me só no mar, não aluguem o bote:
Medi o salto e o mundo antes de me atirar.
Assim, não há ninguém que me derrote:
Afogado ou flutuante hei de chegar.*

(...)

*E vou, lavado em mar e enxuto em ossos
Buscar a minha estrela aos céus de Oeste:
De tanta água, levo os olhos grossos;
A tristeza de ser alma me veste.*
(Nemésio, 1986:136)

Esta súplica de libertação revela um desejo arquitetado: “Medi o salto e o mundo antes de me atirar”. A imersão nas profundezas da água tem um efeito catártico, purifica o sujeito lírico, como anuncia o paradoxo lavado em mar / enxuto. Se por um lado lava, por outro enxuga, na medida em que lhe permite traçar uma diretriz, tendo em vista o alcance da sua estrela, o tempo perdido da infância.

*Nunca fui senão mar numa coisa peluda
Mar numas veias cheias de ânsia
De o derramar na superfície muda
Que está à minha espera desde a infância.*

(...)

*Um homem, forte apenas do mandato,
Só grande porque o mar me penetrou:
No mais mísero e nu; o único fato
É a pele que o pecado me emprestou.*
(Nemésio, 1996:137)

O eu lírico reforça a sua identificação com o mar, que irrompe como metáfora do eu. O mar é não só um ponto de partida, na medida em que simboliza o início da existência, como também a própria a essência do eu: “Nunca fui senão mar”. Assim, o mar pode ser interpretado como símbolo do ciclo de vida: representa, numa primeira instância, o útero materno, que engendra a vida; acompanha depois o percurso do eu poético, chegando mesmo a fundir-se com ele e, numa fase final, é o seu depositário, o local onde ele flutua e imerge.

O mar desencadeia nos dois autores o fluxo da memória. As vagas convidam a reflexões profundas, acompanham o deambular no tempo, o regresso ao passado e convocam a uma incursão pelo universo ontológico do sujeito poético. O cenário físico remete para o cenário interior e subjetivo do eu lírico:

*Não é apenas este mar que reboa nas minhas vidraças,
mas outro, que se parece com ele
como se parecem os vultos dos sonhos dormidos.
E entre água e estrela estudo a solidão.*

*E recordo a minha herança de cordas e âncoras,
e encontro tudo sobre-humano.
E este mar visível levanta para mim
uma face espantosa.*
(Maireles, 1994b: 267)

O mar visível, que reboa nas vidraças, remete para a idealização de um outro mar, o Mar que Cecília recria e onde imerge ao encontro dos “vultos e sonhos dormidos”, da sua “herança insular “de cordas e âncoras”.

O poema “Correspondência ao Mar” patenteia igualmente a transmutação do elemento marítimo:

*Quando penso no mar
A linha do horizonte é um fio de asas
E o corpo das águas é luar.*

De puro esforço, as velas são memória

*E o porto e as casas
Uma ruga de areia transitória.
(...)*

*Quando penso no mar, o mar regressa
A certa forma que só teve em mim
(...)
(Nemésio, 1986: 142)*

O cenário, presente nos poemas analisados, remete para o campo semântico de mar, como comprovam os temas e lexemas que neles pululam – “areia, oceano, ilha, horizonte, peixes, navio, cordas, espuma” –, reforçando o isolamento e ensimesmamento do eu, que encontra nos seres, nas coisas e nos diferentes espaços sentidos ocultos. O real observável remete para a idealização e interioridade do sujeito e, através do fluxo da memória, é a fonte primordial para o exercício poético. Os elementos, sobretudo o mar, assumem uma feição intermitente, sujeitos à mutabilidade do tempo e da memória: “*Quando penso no mar, o mar regressa / A certa forma que só teve em mim*”.

O mar concreto conduz à interioridade do sujeito, remete para o seu passado, para a sua terra e origens e conseqüentemente para a ilha.

A ilha, no caso de Cecília, não é senão um estão de espírito. Como bem notou Margarida Gouveia, a poetisa “quando define a ilha, mitifica-a e abstratiza-a, ao ponto de a considerar a ilha de “nenhures”, a “Ilha do Nanja”²:

*Nédias vacas, encaracoladas ovelhas, arroios sussurrantes... Os carros pesados de frutos redolentes... Os barcos de pesca... As procissões pisando ruas de flores... Tudo isto é a ilha do Nanja: mas a ilha do Nanja não é nada disso. É muito difícil explicá-la, pois certamente é o que não é
(apud Gouveia, 2001: 108).*

À semelhança do que sucede com o mar, também a ilha assume uma feição intermitente – “*é (...) mas não é nada disso.*” *A ilha é um espaço idealizado, “embora com uma paisagem e uma morfologia que a tornam referível à ilha das suas origens ancestrais (S. Miguel)”* (Gouveia, 2001: 108). A ilha remete para o universo interior e subjetivo de Cecília.

De modo análogo, encontramos em Nemésio a identificação com a ilha:

*Tenho a carne dorida
Do pousar de umas aves
Que não sei de onde são:
Só sei que gostam de vida
Picada em meu coração.
Quando vêm, vêm suaves;
Partindo, tão gordas vão!*

A realidade observada, o *topos* da infância, é sublimada, através do exercício da escrita para um outro plano, e remete para a interioridade do sujeito, que se funde, por intermédio de uma linguagem metafórica, na terra natal distante e perdida: “Tenho a carne dorida”. A ilha é caracterizada pela sua abundância e fertilidade – as aves, “quando vêm, vêm suaves”, mas partem gordas. O vaivém das aves pode ser associado ao exercício da escrita, pois o poeta, qual ave, procura, “suave” o regresso à terra natal, onde pretende mergulhar na sua essência, em busca da interioridade, saindo também ele mais fecundo.

Nemésio considerou que o que fez de Roberto Mesquita um “*poeta original e duradouro é o sentimento de solidão atlântica*”. Não foi também esta característica, apesar de sentida de diferentes formas, comum aos dois autores aqui referenciados?

Não foram também o mar e o sentimento de solidão elementos inspiradores, quer para Cecília quer para Nemésio, que estiveram na base da sua criação poética e os imortalizou?

BIBLIOGRAFIA

- Almeida, J. Pavão de. (1973) “O portuguesismo de Cecília Meireles e os Açores” in *Separata da Revista Ocidente*, vol. LXXXIV.
- ALMEIDA, Onésimo Teotónio.
(1983) *A Questão da Literatura Açoriana*, Angra do Heroísmo: SREC (col. Gaivota).
- (1989) *Açores Açorianos Açorianidade*, Ponta Delgada: Signo.
- Gouveia, Margarida Maia. (2001) *Vitorino Nemésio e Cecília Meireles: a ilha ancestral*, Porto: Fundação Eng. António de Almeida.
- Meireles, Cecília.
(1994a) *Retrato Natural in Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
(1994b) *Mar Absoluto in Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
(1994c) *Vaga Música in Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
(1994d) *Viagem in Poesia Completa*, Rio de Janeiro: Nova Aguilar.
- Nemésio, Vitorino.
(1986) *Poesia (1935-1940)*, Venda Nova: Bertrand.
- (1995) *Sob os signos de agora* (introdução de José Martins Garcia), Lisboa: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.
- Silva, Heraldo Gregório da. (1985) *Açorianidade na poesia de Vitorino Nemésio: realidade, poesia e mito*, Ponta Delgada: Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

² cf. Gouveia, Margarida Maia (2001). Vitorino Nemésio e Cecília Meireles: a ilha ancestral, Porto: Fundação António de Almeida. pp. 107-115.



CADERNOS DE ESTUDOS AÇORIANOS

Suplemento # 20 - junho 2017 CECÍLIA MEIRELES

Todas as edições em www.lusofonias.net

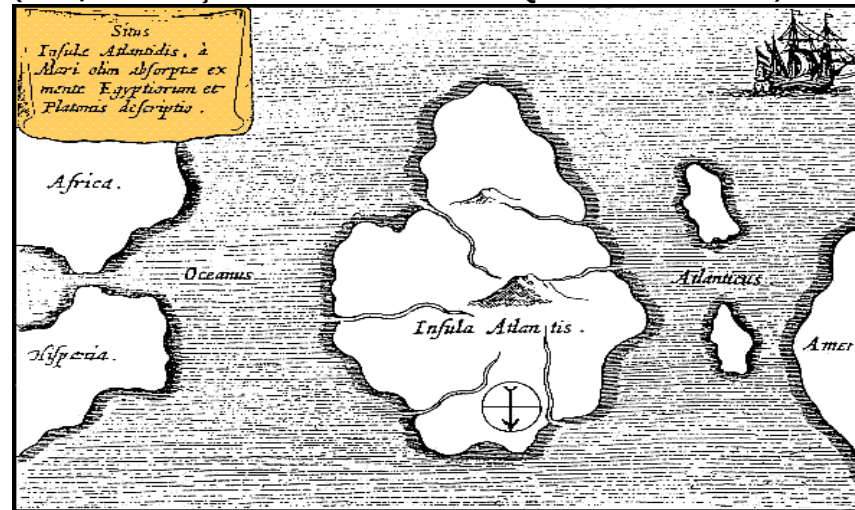
Editor **AICL - Colóquios da Lusofonia**

Coordenador **CHRYS CHRYSTELLO**

CONVENÇÃO: O Acordo Ortográfico 1990 rege os Colóquios da Lusofonia e é usado em todos os textos escritos após 1911 (data do 1º Acordo Ortográfico)



Editado por **COLÓQUIOS DA LUSOFONIA**
(AICL, ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL COLÓQUIOS DA LUSOFONIA)



Nota introdutória do Editor dos Cadernos,

Os suplementos aos Cadernos Açorianos servem para transcrever textos em homenagem a autores publicados pelos Colóquios da Lusofonia, pelos seus participantes ou até Pelos próprios autores.

Este Suplemento # 20 é dedicado a CECÍLIA MEIRELES